

Em busca do corpo perfeito: as crianças na cultura da beleza e da sedução

Raquel Gonçalves Salgado

Anabela Rute Kohlmann Ferrarini

Resumo

O processo de produção do corpo busca uma perfeição que se consagra com base em conceitos de beleza, saúde e felicidade. Na perspectiva dos estudos da infância, é analisado e discutido como crianças entre 4 e 10 anos de idade, de turmas da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, significam seu próprio corpo e o do outro em suas relações e nas experiências que constroem. A análise destaca como o corpo tem assumido relevância na produção cultural e lúdica das crianças ao se apresentar como produto que se põe à mostra, admirado, apreciado, avaliado, rejeitado, copiado e conquistado, alvo de artefatos e performances e, em algumas situações, de práticas discriminatórias.

Palavras-chave: infância; corpo; beleza.

Abstract

In search of the perfect body: children in the culture of beauty and seduction

The process of body production seeks perfection that enshrines based on conceptions of beauty, health and happiness. From the perspective of childhood studies, this article analyses and discusses how children, aged between four and ten, of pre-school and elementary school, signify their own body and the other's in their relationships and experiences. This analysis highlights how the body has assumed relevance in the cultural and playful production of children, representing a product that is on display, which is admired, appreciated, valued, rejected, copied and conquered, target of artifacts, performances and, in some situations, of discriminatory practices.

Keywords: childhood; body; beauty.

Introdução

Estamos vivendo numa cultura em que ser belo passa a ser resultado de produção e investimento humanos. Homens e mulheres, meninos e meninas, desde a mais tenra idade, participam cotidianamente desse trabalho de produção do corpo belo, ainda que haja distinções de gênero nesse processo de busca pelo cumprimento dos quesitos de beleza.

Não há idade para começar a produzir o corpo, ou melhor, quanto mais cedo, mais eficazes são os resultados. De certa forma, isso já se reflete na produção de brinquedos, como aponta Pereira (2009), pois já existem bonecas em que não somente sapatos, roupas e adereços são usados como acessórios. Nas chamadas bonecas *fashion*, como Polly, Bratz e Barbie Fashionista, trocar de roupas pressupõe a substituição de partes do corpo. Trocar de sapatos implica trocar também os pés da boneca. Para modificar o penteado ou a cor dos cabelos, substitui-se a cabeça inteira da boneca. Pergunta a autora: "Haverá nesse exercício meio divino, meio franksteiniano, alguma relação com as formas contemporâneas de lidar com o corpo e com a estética corporal?" (Pereira, 2009, p. 16). Refletir acerca de como esses investimentos sobre o corpo em busca da beleza se fazem notar na infância é o pano de fundo deste trabalho, que se debruça sobre esse fenômeno, no sentido de compreender como determinadas referências simbólicas, sobretudo as que circulam na mídia, são ressignificadas pelas crianças, de modo a se fazerem presentes em seus discursos, valores, diálogos e brincadeiras, enaltecendo a beleza e a visibilidade do corpo. Tais referências simbólicas assentam-se em valores estéticos, cada vez mais padronizados, que circunscrevem normas de como ser e tornar-se belo, pautadas em representações de gênero, raça, etnia e classe social, que consistem em fortes elementos identitários.

Trazemos aqui, como material de análise, cenários de pesquisas com crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, que estamos desenvolvendo desde 2005, no âmbito do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude e Cultura Contemporânea (GELJC), em contextos distintos: duas turmas com crianças entre 4 e 5 anos, cada uma de diferentes instituições de educação infantil da rede pública municipal da cidade de Rondonópolis, Mato Grosso; uma turma com crianças de 8 a 9 anos, do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual; e uma turma do quarto ano do ensino fundamental com crianças de 9 a 10 anos, também de uma escola da rede pública estadual, ambas da cidade de Rondonópolis.

Reservadas as diferentes investigações empreendidas por essas pesquisas, o que se apresenta como elemento comum é a abordagem metodológica que as define, a qual consistiu em convívio semanal com as crianças, em cada contexto educativo. A observação participante foi a principal estratégia metodológica adotada, uma vez que investigamos as interações entre as crianças, a composição de seus grupos sociais e de suas culturas lúdicas. Entretanto, as observações não aconteceram distantes dos encontros e confrontos com as crianças, pois não nos privamos de estabelecer interações com elas e, até mesmo, de propor e realizar algumas intervenções, das quais crianças e professoras participaram.

Buscamos, nesses dez anos de pesquisa, pôr em prática uma metodologia que se afasta de uma análise da criança como um sujeito distante das relações estabelecidas com o pesquisador no contexto da pesquisa. Ao contrário, entendemos que as interlocuções produzidas entre os pesquisadores e as crianças no processo de pesquisa afetam mutuamente cada um dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a criança não é vista como objeto de análise, mas como um sujeito que, efetivamente, traz à tona, em seus diálogos com o adulto pesquisador, questões que mobilizam e dão contornos ao processo de investigação. Admite-se, ainda, que os saberes, as experiências e os significados que as crianças atribuem às questões postas no decorrer da pesquisa são tão pertinentes e legítimos quanto os dos adultos, resguardadas as devidas diferenças. Trata-se, portanto, de compreender a criança como um sujeito cujos significados, experiências e saberes expressam o que vive na infância, situada em um tempo e em uma cultura muito específicos.

Corpo, infância e cultura

É o corpo-natureza, conjunto de células, tecidos e órgãos chancelado por nosso equipamento genético, como condição inevitável e imponderável de nossa existência, que, na história do pensamento ocidental, desde Platão a Descartes, tem se apresentado como o algoz da racionalidade humana, lugar dos instintos, dos prazeres, das dores e do perecimento. Trata-se do dualismo mecanicista, que ganha fôlego na modernidade e separa a humanidade – mente, razão, intelecto, linguagem – do corpo. Essa visão dualista do corpo nos posiciona diante de nossa falência e fraturas de nossa inteligibilidade e dos discursos de verdade que incidem sobre o controle e a administração do próprio corpo (Foucault, 1985).

Doença e morte são, afirma Le Breton (2013), o preço pago pelo risco e pela imprevisibilidade do corpo-carne, cuja perfeição é apenas uma promessa. Na esfera da tecnociência e da tecnocultura, ambas a cada dia mais expansivas no contemporâneo, produz-se o corpo-máquina, protótipo de perfeição e reparação do corpo-carne ao conferir-lhe “uma dignidade que não poderia ter caso permanecesse simplesmente um organismo” (Le Breton, 2013, p. 19). Emerge, assim, o corpo glorioso, perfeito, potencialmente infalível, belo, jovem e saudável.

Le Breton (2013) nos alerta para a derrocada do corpo-carne na cultura cibernética e do consumo contemporâneo. A glorificação do humano passa a ser a conquista de um corpo-artefato, ao qual convém libertar-se da carne, do organismo que falha e, por isso, representa um fardo para a existência. “O homem muda de natureza, torna-se *Homo silicium*” (Le Breton, 2013, p. 25, grifo do autor). Nessa lógica, artifício e natureza abandonam sua suposta antinomia e passam a compor uma parceria indissolúvel, posto que não há natureza que não possa ser arquitetada, modificada, superada e, portanto, controlada em sua potência de risco e imprevisibilidade: “O corpo é escaneado, purificado, gerado, remanejado, renaturado, artificializado, recodificado geneticamente, decomposto e reconstruído ou eliminado, estigmatizado em nome do ‘espírito’ ou do gene ‘ruim’” (Le Breton, 2013, p. 26).

A anatomia, argumenta Le Breton (2013), deixa de ser um destino para tornar-se uma matéria-prima a ser modelada conforme o *design* que está em voga. Esse processo de modelagem e redefinição do corpo se desdobra numa produção de subjetividades cujo efeito é tomar o corpo como o elemento substancial da afirmação identitária, expressão máxima do esforço, do mérito e da competência investidos na manipulação e na composição de si, no controle da natureza e do inexorável que o corpo-carne representa: “nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si” (Le Breton, 2013, p. 31).

Neste mundo da tecnocultura e do consumo de corpos perfeitos, belos e saudáveis, até mesmo o corpo da criança, virginal por excelência e considerado historicamente como o santuário da natureza, da pureza e da inocência, escapa de sua condição carnal para aderir à lógica do artificial, o que inevitavelmente o insere numa arena simbólica que o redesenha e o materializa. Essa desnaturalização do corpo revela sua dimensão histórica e social, já que, em seu processo de produção, incide um conjunto de signos, cujas relações e sentidos se circunscrevem na cultura do tempo em que ganham vida (Goellner, 2013).

Na esteira dos estudos da infância, compreendemos e admitimos que as crianças são atores sociais, que não apenas reproduzem a cultura em que vivem, mas, ao mesmo tempo, a transformam no instante em que se apropriam das referências simbólicas que nela circulam (Corsaro, 2011). Nessa perspectiva, o corpo da criança apresenta-se não apenas como um organismo ou “tábula rasa”, mas como entidade híbrida, atravessada por discursos, produtos e artefatos culturais, que, ao se conectarem ao substrato biológico, nele intervêm e transformam a natureza. Desse modo, Prout (2000, p. 4) aponta para as múltiplas e infundáveis mutações das quais o corpo é efeito: “[...] o corpo humano é socialmente e biologicamente

interminável a partir do nascimento”.¹ Não há corpo *in natura*, sinaliza Prout (2000), fora dos parâmetros de nossas percepções, representações e interpretações. Em meio a essas referências simbólicas, estão as crianças e seus corpos, desde a mais tenra idade, participando de relações, negociações e culturas, nas quais interpretam e significam as imagens e as formas assumidas de sua corporeidade, capturando desses artefatos os elementos que permitem rascunhar, desenhar e redesenhar seus próprios corpos e, por sua vez, suas identidades.

Em se tratando da infância, soma-se a essas análises o fato de nos depararmos, quando o corpo da criança entra em cena, envoltos em uma “natureza infantil”, que é produzida a partir de discursos de verdade proclamados e conclamados como a infância em sua essência (Foucault, 2007). Essa natureza infantil tem na inocência o seu mais poderoso guardião. Isso se faz sentir, sobretudo, quando a cultura popular penetra no mundo da infância, maculando a inocência como sua condição originária e primordial. No mundo contemporâneo, cenas e imagens de corpos de crianças investidos de sensualidade e erotização têm sido cada vez mais frequentes na vida real e virtual, o que põe em xeque o discurso da inocência infantil (Walkerdine, 1999; Giroux, 1999). Não há dúvidas de que a cultura popular, como argumenta Walkerdine (1999, p. 256), retira a criança do espaço higienizado da “infância natural”,² mas, por outro lado, insere-a na teia discursiva do corpo fabricado e desenhado nas linhas da beleza que se expõe nas vitrines da vida social.

Publicidade, revistas, televisão, cinema, músicas, internet e mídias sociais são alguns dos suportes midiáticos que trazem produtos culturais, nos quais o corpo da criança, principalmente o da criança-menina, tem sido explorado e lapidado com artefatos e símbolos de sensualidade e sedução para se tornar mais uma mercadoria disponível nas vitrines da sociedade de consumo. A esse fenômeno, Felipe (2013, p. 57) atribui o processo de “pedofilização” da cultura, no qual se efetiva uma erotização da imagem da criança, que passa a ser um objeto/produto a ser admirado, desejado, exaltado e cobiçado.

Na cultura da beleza e da sedução, o que dizem as crianças

Os discursos que transitam nos mais diversos suportes midiáticos consistem em referências simbólicas que alimentam os modos como as crianças definem suas preferências, valores, parâmetros de beleza e maneiras de se relacionar com o próprio corpo e o do outro, isto é, marcam intensamente seus processos de subjetivação.

Debruçamo-nos, a seguir, sobre diversas cenas em distintos contextos educativos, da educação infantil e do ensino fundamental, em que crianças, com idades que variam de 4 a 10 anos, em seus diálogos com outras crianças e com os pesquisadores revelam como se posicionam na cultura da beleza e da sedução.

As redes sociais, especialmente o *Facebook*, aparecem como o contexto em que as crianças, de uma das escolas do ensino fundamental, apresentam-se ao mundo

¹ Texto traduzido pelas autoras do original: “[...] the human body is socially and biologically unfinished at birth.”

² Texto traduzido pelas autoras do original: “natural childhood”.

e afirmam-se a si próprias nessa exibição. Nesse processo, nada mais emblemático do que um corpo performático, que precisa estar conforme as imagens de beleza que os espelhos da cultura refletem. É imprescindível, nessa apresentação de si, estar “bonita e arrumada” para as fotos na frente do espelho, as quais consistem em objetos não apenas do julgamento alheio, mas também de si próprias. Além disso, a postagem da foto na rede social vem acompanhada pelo anúncio do próximo destino – a escola, o mundo real. É lá que a menina, de carne e osso, pode ser avaliada em função de seu simulacro no mundo virtual. O corpo-carne precisa adequar-se ao corpo-artefato no espelho da mídia.

Pesquisadora: E você gosta de tirar foto pra por no *Face*?

J: Sim, só quando eu tô arrumada.

Pesquisadora: E por que só quando tá arrumada?

J: Porque tem que tá bonita [risos].

Pesquisadora: Ah! Tem que tá bonita pra ir no *Face*?

J: Uhum! [risos e saiu].

L: Eu tiro todo dia antes de vir pra escola, coloco lá no *Face*... #partiu escola [risos].
Todo dia coloco #partiu escola [risos].

Pesquisadora: E você gosta de tirar foto assim no espelho?

L: Quando eu tô arrumada... [risos]. Que nem a J.

Pesquisadora: Ah! Quando você tá arrumada sim [risos].

88

Algumas referências estéticas, retiradas da mídia, vêm das músicas de *funk*,³ de grande circulação nas principais emissoras de rádio e televisão do Brasil. A expressão “novinha”, por exemplo, faz-se presente em diversas canções mais recentes desse gênero e remete à beleza da mulher jovem, do corpo modelado nas academias de ginástica. No corpo da “novinha”, há partes que sobressaem: a barriguinha *sexy* e a bunda, partes nobres do corpo feminino lançadas no mercado como produto exportação. Estamos diante de um corpo cirúrgico, esculpido, fabricado e produzido. Como nos lembra Le Breton (2013), esse corpo não apenas se afasta do corpo-carne, mas também visa eliminá-lo porque ele nos confronta com a diferença em relação ao que é formatado e embalado pela maquinaria social.

Observamos que, entre as crianças, nessa lógica da produção de corpos, nem todos podem ser belos, apenas aqueles que se encaixam na moldura do corpo celebrado nas vitrines da cultura.

H: Tem aquela outra assim: “dom domdomdomdomdomdom, eu tava aqui no baile escutando aquele som, dom domdomdomdomdomdom, eu vi logo uma novinha descendo até o chão”.

Pesquisadora: O que é novinha?

³ O *funk* é um gênero musical que derivou da música negra norte-americana no final da década de 1960.

C: Novinha é uma mulher...

Pesquisadora: Vocês não disseram que eu sou novinha?

T: Não, é uma mulher bonita! [T. aponta para uma das pesquisadoras] Ela é novinha!

T: Novinha é uma gatinha.

Pesquisadora: E o que vocês fazem então pra ser gatinha?

C: Tem que ter um corpo bonito, um cabelo charmoso.

Pesquisadora: E o que é ter corpinho bonito?

T: Barriguinha *sexy*! Bunda!

O excerto abaixo traz um diálogo que ocorreu na escola de educação infantil e mostra claramente que a beleza tem como suporte um corpo emblemático, fortemente tecido e assentado em uma teia discursiva, na qual a raça ganha força. O corpo da “gatinha” não basta ser esculpido, fabricado e *sexy*, precisa ser branco. Trata-se de um corpo, como podemos ver no discurso do menino, que tem uma cor bem definida para ser cobiçado. Cor esta que remete a padrões estéticos eurocêntricos, ainda muito entranhados em nossa cultura.

Pesquisadora: S., você lembra que você tinha me falado que na fazenda tinha várias gatinhas?

S.: Aham!

Pesquisadora: Como tem que ser pra ser sua gatinha?

S.: Tem que ser branca.

Pesquisadora: Por quê?

S.: Porque dá pra beijar na boca, dá pra namorar.

Pesquisadora: E se não for branca, não dá?

S. faz um sinal negativo com a cabeça.

Não apenas a cor branca do corpo traz à tona esses padrões eurocêntricos, mas também a textura dos cabelos, que devem ser lisos para que complementem o corpo belo. Isso se faz ver no diálogo abaixo, quando crianças da turma de educação infantil, junto aos pesquisadores, vivem uma situação lúdica de salão de beleza.

I.: Não, minha franja não, sua doída!

Pesquisador: Por que não sua franja?

I.: Porque não era pra molhar.

Pesquisador: Por que não era pra molhar?

I.: Porque estava lisa.

Pesquisador: Estava lisa? Mas por que você queria que ficasse lisa?

I.: Porque minha mãe acabou de alisar.

Pesquisador: Por que ela alisou seu cabelo?

I.: Porque eu pedi.

Pesquisador: Você pediu? Por que você pediu?

I.: Porque todo mundo tem um cabelo liso, só eu que não tenho.

Pesquisador: Só você que não tem?!

I.: Tem dias que eu vou ao cabeleireiro.

Pesquisador: Tem vezes que você vai ao cabeleireiro pra alisar o cabelo? Mas você gosta?

I.: Gosto, porque ir no cabeleireiro, o cabelo fica liso e eu só gosto de cabelo liso.

Pesquisador: Mas por que você gosta só de cabelo liso?

I.: Porque todo mundo tem cabelo liso.

Pesquisador: Por que todo mundo tem cabelo liso?

I.: Todo mundo tem cabelo liso, até as bonecas têm cabelo liso.

Pesquisador: Até as bonecas têm cabelo liso?

I.: Até os bonecos de menino têm cabelo liso.

O diálogo acima mostra como a menina se esforça em escapar – ou mesmo eliminar – do fardo da genética de sua ascendência negra ao modificar a textura de seus cabelos para conservá-los lisos. Esse fardo se acentua diante da constatação de que “todo mundo tem cabelo liso”, o que para ela se apresenta como forte justificativa para o seu empenho em modificar essa parte de seu corpo. Nessa lógica, o peso da exclusão torna-se insuportável e insustentável na convivência social, e isso a criança, ainda pequena, já sente e vive. Os discursos normativos da beleza esculpida conforme o modelo europeu, nos quais se inserem também os brinquedos, apontam, desde cedo, para o “gene ruim”, que, além de ter seu fenótipo modificado, precisa ser esquecido, sobretudo pela memória do corpo.

Em outro contexto de pesquisa, junto a crianças de uma escola de ensino fundamental, realizamos a oficina “Do autorretrato ao adulto-retrato”, a qual consistiu em propor às crianças que refletissem e imaginassem a si mesmas como adultas e desenhassem seus “adulto-retratos”, acompanhados por um pequeno texto, que revelou seus desejos e projetos quanto ao próprio futuro. Nesse exercício, a preocupação com o corpo, a beleza e o sucesso apareceu com destaque, fazendo antever que, para elas, a idade adulta é uma promessa de mudança e de independência da tutela e do controle dos pais no que compete ao modo de ser e estar no mundo, uma vez que, sendo crianças, não podem “usar as roupas mais legais”, salto alto e maquiagem “provocante”.

Em tempos de valorização exacerbada da estética, a profissão de modelo, associada à beleza, surge, entre as meninas, como via de acesso a fama, dinheiro e todo um mundo de *glamour*. Hanna,⁴ que tem longos cabelos lisos e olhos castanhos,

⁴ Nesta pesquisa, as crianças decidiram, junto à pesquisadora, serem identificadas por personagens da mídia eleitos por elas.

sonha se tornar modelo “e causar” por onde quer que passe, deixando todos admirados com sua beleza. Para isso, planeja investir na produção do corpo que considera belo: “ser bem magra, deixar os olhos azuis, usar vestidos elegantes e sapato altão”. Tal corpo obedece ao que é imposto pela mídia enquanto dita as ideias e os valores que consumimos e construímos como sociedade.

Aurora, menina negra de olhos escuros e cabelos encaracolados, possui uma bolsa na qual guarda seus “segredos de beleza”: batons, esmaltes, rímel, sombras. Seu “adulto-retrato” (Figura 1) em nada se parecia com ela, pois representava uma mulher branca, com cabelos loiros lisos e olhos verdes bem delineados. Sobre a cabeça, uma coroa. Diante de nossa surpresa, falou: “Quando eu for adulta, vou poder alisar o cabelo, pintar de loiro e usar lente de contato! Vou ser do jeito que eu quiser!”. Mirando-se no espelho da cultura em que estamos imersos, Aurora planeja transformar-se de tal modo que se torne “bela” como as mulheres fabricadas e expostas nas vitrines da mídia, que não condizem com a sua imagem atual. A menina investe no outro corpo-produto-padrão o seu desejo, o seu sonho, a sua promessa de futuro e, assim como a menina que insiste em manter seus cabelos lisos, rejeita e busca extirpar o seu corpo-carne.



Figura 1 – Adulto-retrato de Aurora

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

O ideal de beleza feminina que perpassa os meios midiáticos é o da mulher branca, loira, de olhos verdes ou azuis e cabelo liso, aparência a ser conquistada por mulheres e meninas. Mergulhadas em informações que ostentam o padrão de beleza da mulher midiática, as meninas o tomam como meta a ser alcançada – enquanto crianças, apoiam-se nos recursos dos quais dispõem e cujo uso é autorizado e incentivado por mães, pais e demais familiares, como o esmalte, a maquiagem, os acessórios da moda. Quando forem adultas, acabarão por compor uma verdadeira fábrica de corpos. Para Santaella (2004), o mercado de produção de corpos, de acordo com os princípios que imperam na moda, muito se assemelha à produção de

mercadorias de luxo, associando as referências estéticas relacionadas ao corpo a um padrão de beleza midiático e hipervalorizado.

No caso de Aurora e no da menina de cabelos “lisos”, observa-se, ainda, a preocupação em assumir uma identidade comum a todos. Trata-se de conquistar um corpo que, por um lado, expressa seu desejo e, por outro, assemelha-se a muitos outros produzidos na cultura do nosso tempo (Goellner, 2013).

Considerações finais

Imersas neste mercado cultural, em que bens de consumo passam a ser aspectos indispensáveis para a constituição identitária, estão, também, as crianças de nosso tempo, que, no fluxo acelerado de captura de referências simbólicas, vão compondo o seu mosaico de identidades. Desse universo, as crianças retiram os signos que as aproximam de ideais de beleza, sucesso, fama e poder, tão perseguidos na esfera midiática e na cultura do consumo.

Barrigas, bundas, pele, cabelos, olhos vão deixando de ser partes de um corpo-carne para se transformarem em peças, disponíveis em vitrines do mundo midiático, de um corpo que apela para ser fabricado e modelado com o propósito de ser percebido, sentido e nomeado como belo.

As cenas das crianças presentes nos diversos cenários de pesquisa aqui apresentados nos mobilizam a compreender que pedagogias culturais em torno de seus corpos estão sendo levadas a cabo desde muito cedo em suas vidas. Como nos alerta Giroux (1999), estamos diante de um forte desafio político e ético no campo da educação de crianças, que precisa assumir a cultura popular como um importante objeto de análise no currículo, de modo que crianças e jovens possam problematizar imagens que se apresentam como a única realidade possível diante de seus olhos. É cada vez mais urgente e necessário, na agenda da educação, um trabalho engajado na crítica cultural, no sentido de provocar nas crianças e nos jovens a criação de outras referências para compreender e lidar com as representações que circulam na esfera da cultura, pautadas numa ética que, ao invés de combater a diferença, não admita o imperativo da exclusão.

Referências bibliográficas

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2011.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guaciara Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 54-66.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guaciara Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

GIROUX, Henry A. Stealing innocence: the politics of child beauty pageants. In: JENKIS, Henry (Ed.). *The children's culture reader*. New York: New York University Press, 1999. p. 265-282.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2013.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Uma história cultural dos brinquedos: apontamentos sobre infância, cultura e educação. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, 2009.

PROUT, Alan. Childhood bodies: construction, agency and hybridity. In: PROUT, Alan (Org.). *The body, childhood and society*. New York: St. Martin's Press, 2000. p. 1-18.

SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e comunicação: sintoma de cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

WALKERDINE, Valerie. Popular culture and the eroticization of little girls. In: JENKIS, Henry (Ed.). *The children's culture reader*. New York: New York University Press, 1999. p. 254-264.

Raquel Gonçalves Salgado, doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), é professora do quadro permanente de docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *campus* de Rondonópolis e coordenadora do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude e Cultura Contemporânea (GEIJC).

ramidan@terra.com.br

Anabela Rute Kohlmann Ferrarini, mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* de Rondonópolis, atua como supervisora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa de Mato Grosso (UFMT/MEC/SEB) e participa do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude e Cultura Contemporânea (GEIJC).

anabelaFerrarini@hotmail.com

